

Werlayne Júlia Santos Silva

Diálogo Entre Ausentes

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Belo Horizonte, 04 de Dezembro de 2013

Werlayne Júlia Santos Silva

DIÁLOGO ENTRE AUSENTES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao
Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de
Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Artes Gráficas
Orientador: Prof.: Amir Brito Cadôr
Coorientadora: Prof^a.: Patrícia Azevedo

Belo Horizonte
Escola de Belas-Artes da UFMG
2013

Agradecimentos

a minha mãe, que sempre esteve ao meu lado;
ao professor Luis Filipe Cabral, por todo apoio;
aos professores Amir Cadôr e Marcelo Drummond, por apoiarem
tantas perguntas;
a Patrícia Azevedo, por todo incentivo ;
a minha avó Pitita, por ter me apresentado um acervo tão
maravilhoso;
a Marco Túlio, pelos cafés, cappuccinos, pela ajuda mais que
importante;
aos meus familiares, que me apoiaram
e a todos que fizeram parte deste maravilhoso
processo em minha vida.

Dedicatória

Dedico este trabalho, que é obra, que é sentimento
a Wallace, que talvez nem pudesse imaginar que no final se
tornaria parte da minha poética.

Dedico ao outro. Outro que encontrei através de mim.

3.....	Agradecimentos	
5.....	Dedicatória	
7.....	Sumário	
9.....	Introdução	
13.....	Diálogo	Belo Horizonte, 9 de Setembro de 2011 Congonhas, 15 de Setembro de 1973 Belo Horizonte, 7 de Outubro de 2011 Congonhas, 18 de Outubro de 1973 Belo Horizonte, 10 de Novembro de 2011 Belo Horizonte, 1996 Belo Horizonte, 13 de Dezembro de 2011 Congonhas, 3 de Janeiro de 1978 Belo Horizonte, 19 de Janeiro de 2012 Belo Horizonte, 31 de Janeiro de 1980 Belo Horizonte, 31 de Janeiro de 2012 Rio Doce, 12 de Fevereiro de 1983 Belo Horizonte, 25 de Março de 2012 Belo Horizonte, 10 de Abril de 2000 Belo Horizonte, 22 de Abril de 2012 Belo Horizonte, 22 de Abril de 2000 Belo Horizonte, 13 de Maio de 2012 Belo Horizonte, 22 de julho de 2012

Sumário

51.....	Outros Diálogos	Belo Horizonte, 13 de Junho de 2011 Robion, 6 de Julho de 1985 Belo Horizonte, 4 de Agosto de 2011 Robion, 8 de Setembro de 1985 Belo Horizonte, 23 de Abril de 2012 Itália, 23 de Maio de 1920 Belo Horizonte, 9 de Março de 2012 São Paulo, 24 de Março de 1995 Belo Horizonte, 10 de Abril de 2012 São Paulo, 28 de Abril de 1995
63.....	Posfácio	
69.....	Transcrição	
89.....	Notas	
91.....	Referências Bibliográficas	

Introdução









© Layne Jun

Diálogo

Para: Wallace O.

CEP: 27869-445

VIA AÉREA
PAR AVION



2078: ronher

Remetente

hayne julia

Endereço

7	0	7	0	0	2	4	0
---	---	---	---	---	---	---	---

Layne Juh



SELO

3 0 3 0 8 - 2 4 0

RPC

27869-445

Remetente Wallace.
Endereço

27869-445



Para : Wallace O.

27869-445

VIA AÉREA
PAR AVION

Lya. Pinna

Remetente

haupe fele

Endereço

3	2	3	0	0	2	4	0
---	---	---	---	---	---	---	---

Para: Layne Juh



3 0 3 0 0 - 2 4 0

BPC

Wallace O.

Remetente Wallace O.
Endereço

27869-945

Brasil



VIA AÉREA
PAR AVION

Para: Wallace O.

CEP: 32270-000

27/12/2010

Remetente *Layne Gula*

Endereço

3	0	3	0	0
---	---	---	---	---

2	4	0
---	---	---



Cartão Postal

BH em

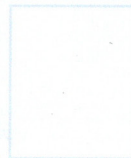
80 ou

96?

Wallace

Para Layne Juh

CEP: 30300-240



P. Wallace O.

CEP: 27.869-445

VIA AÉREA
PAR AVION



Logo: E. 100%

Remetente

Layne J. J.

Endereço

3	0	3	0	0	2	4	0
---	---	---	---	---	---	---	---

à Layne Juh

3 0 3 0 0 - 2 4 0

RPC



Wallace O.

Remetente Wallace O.
Endereço

27869-945



Para: Wallace D.

CEP: 27 869-445

VIA AÉREA
PAR AVION

Objeto: Remetente

Remetente *Layne Juhl*

Endereço

3	0	3	0	0	2	4	0
---	---	---	---	---	---	---	---

Layne Juh



ELO

3 0 3 0 0 - 2 4 0

RPC

2010: 4229
2010: 4229

Dado Horizonte,

30 de janeiro de 1980

Florianópolis, neste nome não

me é estranha. Ele escreve

sobre fotografia. Já li

Remetente Wallace O.

Endereço

27869-445

Para : Wallace O.

CEP: 25551-111

VIA AÉREA
PAR AVION



270: Pontun

Remetente *Carpe Juh.*

Endereço

3	0	3	0	0	2	4	0
---	---	---	---	---	---	---	---

RIO DOCE
1983
CORREIOS



destinatário: Layne Juh

3 0 3 0 0 - 2 4 0

BPC

2070: Portugal

Remetente

Wallace G.

Endereço

25551-111

Esquina do Lameiro da Póvoa



Para: Wallace D.

32270-000

VIA AÉREA
PAR AVION

2020: 1000000

Remetente

Laurea fuh

Endereço

3	0	3	0	0	0	0	0
---	---	---	---	---	---	---	---

Srta. Layne Guh



3 2 2 7 0 - 0 0 0

BPC

Depo: Kozzok

1008
①

Dado Henrique
10 de Abril de 2000

Remetente
Endereço

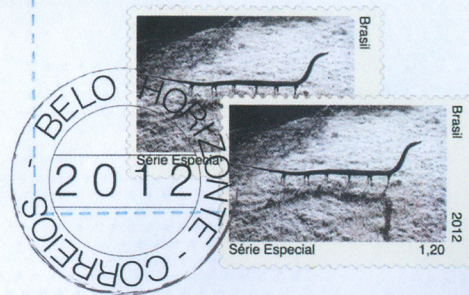
Wallace D.

3	2	2	7	0	-	0	0	0
---	---	---	---	---	---	---	---	---

Para : Wallace D.

CEP: 32270.000

VIA AÉREA
PAR AVION



270.

Edifício

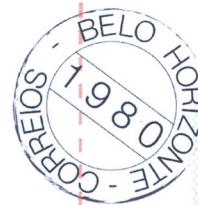
Remetente

Wayne Juh

Endereço

30300

240



Para Layne Juh

3 2 2 7 0 0 0 0

BPC

8/0: 1
101x025

22 de Abril de 2000

Não conheço Fontcuberta, se você
diz que as ideias dele são pertinentes,
então devo pesquisar sobre ele.

É seu processo, como você diz, para
manter o tempo.

Remetente

Wallace O.

Endereço

32270-000

de pesquisa e estudo. Com o tempo
adquirir experiência e me
tornar mais adaptado ao meio.

a Wallace O.

32 270.000

VIA AÉREA
PAR AVION



Exp: 20/07/2015

Remetente

Larissa Silva

Endereço

3	0	3	0	0
---	---	---	---	---

2	4	0
---	---	---



Para: Wallace O.

32.270-00

VIA AÉREA
PAR AVION

2010: Pontal do Rio

Remetente

Hayne Jule

Endereço

3	0	3	0	0
---	---	---	---	---

2	4	0
---	---	---

Outros
Diálogos

Dialogos com Plussu I

Diálogos com
Flusser II

Diálogo com Rilke



~~Remetente~~

Endereço

--	--	--	--	--	--	--	--

Diálogos com Kossoy I

Diálogos com
Kossov 2

Remetente

Endereço

--	--	--	--	--	--	--

Posfácio

Poética Do Eu: Carta Para um futuro

Encontrar-se, como funciona?
E encontrar o outro?

No final de 2011 recebi um acervo, uma herança que ficou guardada 10 anos em um armário, caindo no esquecimento. Constituída de objetos da fotografia: câmeras, negativos, filtros, objetivas e mais, olhares, opiniões e preferências.

Ao organizar todo aquele acervo, percebi uma grande conexão imagética entre meu acervo e o acervo do meu avô-torto. Separei as fotografias em 3 categorias: Jornalísticas – que eram do seu trabalho como fotógrafo Oficial, Familiares e Pessoais – que contém experimentações fotográficas, paisagens e registros diversos.

Dentro do acervo pessoal percebi uma grande semelhança entre as fotografias, sei claramente, introduzida por Flusser, que semelhanças podem ser coincidências e que fotos parecidas podem ser mero artifício definido pelo aparelho fotográfico. Mas como é possível dois acervos distintos, de neta e avô que não falaram de fotografia, possuírem um olhar semelhante?

Começando a busca por algo que existisse entre estes acervos, me deparei com paisagens as quais, através de análises e avaliações, me fizeram elaborar um diálogo imagético entre as fotografias. A paisagem se tornou grande metáfora entre olhares de neta e avô. Poderiam ser paisagens as lembranças que crio e materializo por meio da fotografia?

Inicialmente o diálogo foi formado pela sobreposição das fotografias de ambos os acervos, uma primeira forma imediata que encontrei de relacioná-los. Feita por projeções dos slides do avô e projeção das fotografias digitais da neta. Esta projeção formou um 3º lugar, que é de ambos, que foi inventado a partir de realidades sobrepostas.

Ao identificar o diálogo imagético formado, guiada pelas teorias de Boris Kossoy e Joan Fontcuberta, passando pelo trabalho literário e fotográfico de Sophie Calle, pela literatura de Rilke e abordando todo meu conhecimento e amor pela fotografia, propus a criação de uma memória que pudesse permear entre os acervos e a história. Me dei conta que estaria me apropriando de um acervo e que através da invenção do discurso do outro criaria um personagem, que até então era uma recordação afetiva familiar.

Por que escrever cartas?

“Suponho que muito daquilo que temos lido como retrato da subjetividade dos autores renascentistas possa hoje ser lido como efeito de uma arte cujo alvo principal e mais dificultoso é precisamente ensinar a escrever de um modo tido pelo mais natural e verdadeiro. Vencer a dificuldade de mostrar pelas palavras como as coisas são, em sua aparência, é ao que a arte retórica se dedica; vencer a dificuldade de mostrar pelas cartas o ânimo do escritor para alguém, em sua aparência, é ao que a arte epistolar visa.” (Muhana, Adma F., *discuso* (31), 2000, p. 330)

A epístola, é definida como parte de um discurso, onde o destinatário é sempre o próximo remetente. E sua imagem, a que mais deve se fazer presente.

Ao estabelecer o contato com o personagem e iniciar a troca de cartas o diálogo se deu pela fotografia, estimulado por imagens, por perguntas e informações. O próprio trabalho permeia entre a realidade e a ficção, objeto de meu estudo dentro da fotografia. A manipulação fotográfica e a troca ficcional de cartas preenchem este universo sentimental, fantástico e artístico. Até que ponto, um simples convívio entre neta e avô pode influenciar toda uma busca fotográfica?

Ao buscar o avô personagem, sua imagem foi construída através de cada carta. Foi possível conhecer seu trabalho, suas opiniões e suas lembranças.

“Exercício fascinante é o de devolver aos rostos e cenários perdidos sua identidade, sua localização, sua referencia, resgatando assim a substância documental às representações fotográficas daqueles que um dia

viveram, amaram e sofreram ou das coisas que foram criadas, pensadas, construídas e que se perderam ou desapareceram.” (Kossoy, 1999, p. 129)

Escrever se tornou uma forma de procurar pelo outro. Enviar cartas para outro tempo e receber a resposta de outra época, em uma viagem atemporal, podendo perceber o tempo não linear que envolve a narrativa. Quando busco este dialogo não procuro encontrar meu avô em sua forma física ou fazer com que ele volte. Crio a narrativa, invento o personagem e através disso tudo encontro o gancho em que pode ser o início de uma influência real, a que faz com que eu busque esta correspondência entre ausentes. Ao mesmo tempo ocorre a busca de respostas e compreensões pelos questionamentos que se apresentaram no decorrer do tempo, o amadurecimento da poética, a vivência dentro das questões e o encaminhamento ao meu lugar, enquanto artista.

Este questionamento constante me fizeram buscar outros diálogos. Encontrei em outras vozes, apoio para que a construção do meu trabalho se pudesse firmar em base de pensamento consistente. A questão do que é realidade ou não na fotografia, se vinculou ao processo de pensamento e vem sendo temas de novos estudos e ensaios fotográficos. Depois de todas as referências textuais e imagéticas, Joan Fontcuberta tem sido a atual referência para a continuidade dos meus estudos e investigações. Do processo de propor e encarar novas perguntas, como única forma do eu-artista sobreviver.

Um bom fotografo é aquele que mente bem a verdade.
Joan Fontcuberta

Transcrição

Belo Horizonte, 9 de Setembro de 2011

Oi avô, tudo bem?

Sei que é bem estranho receber uma carta minha, mas gostaria muito de poder falar com você.

Descobri que sou da fotografia, porém espero que ela seja mais minha do que eu dela.

A vó me mostrou suas coisas, nossa, está tudo empoeirado. Parece que tem muito mofo. Ela não gosta de mexer em nada. Se eu soubesse antes, não deixaria acontecer.

Achei maravilhosas as câmeras. Gostaria de usá-las, seu Laboratório também.

Vou a Ouro Preto fotografar, posso enviar algumas fotos para que veja. Quero opiniões!

Estou mandando algumas fotos das câmeras e objetivas, não sei por onde começar, limpei a poeira. O que devo fazer? Recomendações?
Tem umas fotos que fiz no parque também.

Entusiasmo,

Layne

Congonhas, 15 de Setembro de 1973

Realmente não esperava uma chamada sua, uma carta. Mas que ótimo que a mandou! Brincadeira que sua avó deixou tudo guardado sem verificar? Se não fossem as fotos, diria que sim.

Guarde os filtros limpos e a câmera limpa na mala prata. Se der para lavar e tirar o mofo da mala, melhor. As objetivas terão que ir para limpeza. O resto, guarde na mala preta, limpa.

Ouro Preto é um lugar enigmático de se fotografar. Fiz estas fotos em Congonhas, dê uma olhada. Pode te dar ideias! Sei que tenho uns slides guardados por aí, são de paisagens, acho que ficará contente quando encontrá-los, saberá o porquê.

Escreva sempre que quiser.
Muitos cliques!

Wallace

Belo Horizonte, 7 de Outubro de 2011

Estou pensativa. Fui a Ouro Preto e comecei a fotografar, mas vi tanta gente fazendo o mesmo. Será que não estou imitando os outros trabalhos? O conteúdo é mesmo, milhares de mesmas fotos. Também se sente assim? Uma das minhas professoras me indicou um amigo que poderia ajudar. Escrevi para ele. Espero a resposta.

Fotografei tudo em P&B. O dia estava muito frio e nublado, estava dentro da nuvem. Gosto dos lugares mais vazios, com pouca ou nenhuma referência humana. Cria uma certa magia na foto ou até mesmo um estranhamento. Me faz lembrar do Atget. Fiz algumas desfocadas, como estudo, mas gostei demais delas. Eram de umas pessoas subindo a rua, não queria fotografar pessoas, expô-las, “a fotografia é uma exposição”. Talvez eu não quisesse tirar a alma da moça que passava. Engraçado. Ela passou, ficou seu registro, a grudei sem identidade no filme, no caso em números, compondo a fotografia digital.

Espero estar começando bem!

Layne

Congonhas, 18 de Outubro de 1973

Tempo nublado, um problema para as câmeras, ein? Espero que tenha se prevenido. Perder equipamento é sempre por falta de cuidado.

Sobre sua dúvida de imitar conteúdos, é comum. A prática desenvolveu meu olhar. Mas sou mais técnico. Tenho facilidade para dominar a câmera, porém meu trabalho não me exige que eu seja mais "artista". Você como estudante de arte, deve ter mais esta sede de conseguir unir a técnica e arte a seu favor, expressar-se através de muitas outras formas, olhares.

As fotografias em preto-e-branco são fascinantes. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco, porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos. Para mim elas são mais verdadeiras do que as coloridas, pois todo o conceito de cor é relativo.

Talvez a pessoa indicada pela sua professora ajude. Me mande um retorno sobre suas conclusões.

Esta questão do foco é relativa, como disse da sua experiência artística. Quis a foto, ela te atendeu, então ela funciona pra você. Fugiu do comum e se expressou. Olha estas que fiz. As vezes te inspira...

Cuidado com a chuva!

Wallace

Belo Horizonte, 10 de Novembro de 2011

Suas fotos me inspiram. Toda essa altivez que essas estátuas possuem. Conseguiu dar um mistério, uma expressão. Algumas se tornaram tão poderosas. Senti até uma presença humana nelas.

Sobre as fotos sem foco, eu penso que de certa forma eu venci a câmera, não fiz o automatismo dela em querer focar. Fiz o que eu quis. Tive um pouco mais de curiosidade sobre isso. Mostrei para um amigo, que não é da área de arte ou fotografia, e ele me respondeu “ é, tá sem foco, mas você fez de proposito né? ” Por que será que as pessoas pensam somente no fato de ter ou não ter foco? A resposta para mim é simples, estão muito enraizadas em um referencial. E para mim, o foco é referencial, assim como o tempo. O “desfocado” me transmite algo muito especial, funciona como uma metáfora, e por mais clichê que seja, é um sentimento distorcido, uma ideia embaçada. Eu, como ser, perco o foco, me sinto perdida, me sinto difusa, desapareço, perco a existência por algum tempo.

Hoje é só isso. Acho que estou desfocada. Essas fotos expressam um vazio cheio, ocupado da mesma matéria que o rodeia, por isso, ainda sim, um vazio.

Bom trabalho,

Layne

Belo Horizonte, 13 de Dezembro de 2011

Gosto de captar a fluidez da luz, sabe quando ela passa entre as folhas e se vê os raios? É como a água escorrendo entre os dedos. Me faz lembrar um texto do García Marquez “A luz é como água”. Gosto da metáfora. Se puder, leia.

As vezes acho que fotografo pouco. Escrevo alguns ensaios, mas me falta executar práticas fotográficas e expor mais a minha produção.

Enquanto esperava meu ônibus na praça observei algo que achei engraçado. A lança da estátua se misturando meio às antenas do edifício Itatiaia. Ao mesmo tempo me perguntei: quantas pessoas já viram isto? Quantas fotografaram? Rosângela Rennó, uma fotógrafa a qual gosto muito do trabalho e das ideias acredita que já existem muitas fotos no mundo. Se apropria de acervos existentes. Ela diz não pertencer ao campo da fotografia digital, que segundo ela “já parece nascer sem memória”. Não sei se concordo com ela totalmente. A fotografia já possui a realidade exterior e interior contidas em si própria. Podendo ser de filme ou digital. As pessoas parecem ter muito medo da foto digital, acham que ela pode roubar o lugar da fotografia no mundo dos fotógrafos. E pode. Todos fotografam. Mas temos que pensar no que exatamente ela rouba e se é importante.

Você tem medo de ser esquecido pelas suas próprias fotografias?

Beijo!

Layne

Congonhas, 3 de Janeiro de 1978

Este trabalho me cansa. Gosto de filmar vocês em casa. Filmadora é algo realmente bacana. A tecnologia me encanta.

A fotografia tem um campo muito explorável. Muitos mistérios. Você ainda está no começo de sua busca, do seu caminho, das suas respostas. Cada coisa virá em seu tempo. Seu olhar será mais aprimorado do que é hoje, mas será proporcional à sua prática e ao seu interesse.

Meu trabalho é jornalístico, não que não possa ter sua parte artística, mas tenho outros interesses ao fazê-las. A documentação que Robert Capa fez das guerras é uma obra prima. Mas minhas fotos, como dizia, tem que ilustrar o fato, o momento, para aparecer nas notícias. Uma foto pode mudar a história. Escolhi a fotografia como forma de sustento, preciso que ela se adeque ao pedido dos superiores.

É provável que eu seja esquecido, pois minhas fotos são de posse do governo. Ninguém vai lá me visitar, não sou uma exposição. Mas isso não me dá medo. Existem muitas fotos no mundo e ainda irá existir muito mais, pois o digital permite, dá acessibilidade fotográfica à todos. Por isso, se destacar exige mais do que ter uma câmera e fazer fotos. Muitos fotógrafos utilizam da técnica de grande qualidade para uma foto, mas isso é fácil. Ansel Adams utilizava-se disso, mas ele não fez apenas uma foto bonita. São dias, meses de estudo para uma foto extremamente bem realizada. Enquadramento, técnica e observação. E não só isso, tem a consciência por traz de tudo, um assunto. Uma vontade de valorizar e de questionar paisagens e seu futuro.

Wallace

Belo Horizonte, 19 de Janeiro de 2012

Lembra que mandei uma carta para um amigo de uma professora? Esqueci de te falar, mas recebi uma carta dele no mês passado. O nome dele é Vilém Flusser. Ele realmente me fez pensar em questões contemporâneas da fotografia.

Minha busca apenas começou, realmente. Preciso me manter conectada à prática fotográfica.

Sobre a última foto que me mandou, acho que a fotografia, não deveria ter tanta credibilidade. Podemos manipular a imagem fotográfica com tanta facilidade. Colocamos a realidade em jogo, constantemente.

A parte disso, a vó me contou que fotografava muitos casamentos. Creio que era uma experiência muito diferente, já que usava filme 35mm. Tem que acertar cada click. Se aventurava em fazer fotos diferentes mesmo podendo perder um filme? Ela também sabe algumas coisas que você ensinou. Achei divertido.

Ela me mostrou umas fotos em que eu apareço de Dama de Honra. Acho que é a única de casamento que vi sua. E tem também as do ensaio. Até que eu estava bem como modelo!

É desafiador escolher o eixo a se seguir com a fotografia. Ganhar muito dinheiro? Ser reconhecido? Com tanta gente que não valoriza, nem sempre o lugar que se ganha mais é o melhor lugar. Seu trabalho vai ser sempre medíocre. Vou me sentir fazendo um trabalho honesto? Me pergunto. Acho que me perguntar como quero meu trabalho no mundo é a primeira coisa que posso fazer. Não me vender por poucos trocados, para não desvalorizar a fotografia, é a segunda. Uma pena que os “profissionais” não pensem assim.

Abraço apertado,

Layne

Belo Horizonte, 31 de Janeiro de 1980

Flusser, este nome não me é estranho. Ele escreve sobre fotografia. Já li coisas dele.

Me parece que a fotografia como técnica já não está entre os quesitos mais importantes. O aparelho fotográfico se popularizou e com ele, todo e qualquer tipo de foto. A era das imagens, tem milhões delas e quem é que Bresson, Kertész, Capa, Ansel, entre outros, a leitura é extremamente importante, não só para eles, como para toda imagem. Mas às vezes nada passava, nem o golpe da sorte. A composição, a luz, tudo. Tudo era lido, metáforas, semiótica, ícones.

Outra coisa, gostava de fotografar casamentos, tinha cuidado para não desperdiçar filme, mas também me arriscava em fazer a foto do álbum. Gosto de silhuetas, pouca profundidade de campo. Mas às vezes os clientes não estão dispostos a pagar por fotografia. Muita gente não valoriza. É duro!

Pedi à sua avó que lhe entregasse os slides que te falei, acho que você esqueceu de procurá-los.

Como vai sua produção?

Wallace

Belo Horizonte, 31 de Janeiro de 2012

Depois de tanta coisa que aprendi, percebi que não quero me estabelecer como fotógrafa de eventos. Infelizmente elas tem sido meu sustento, parte dele. Quero ser artista, pensadora, pesquisadora. Sinto falta de mais áreas que tratem de fotografia ao meu redor, diferentes eixos, pessoas. Talvez uma experiência exterior faça bem.

Gosto muito de “overlapping”, de sobrepor fotos. Criar camadas. Tenho feito isto constantemente. Crio novas visões. Uma sobreposição de 2 fotos é como se existisse 2 lugares, 2 sentimentos. As fotos-sentimentos-lugares têm que conversar, interagir e formar uma 3ª coisa, uma terceira paisagem. Minhas primeiras experiências foram um grande passo. Logo me familiarizei e consegui mais resultados. Estas foram com pássaros (gosto deles). Fiz um poema e resolvi ilustrar.

Ilegível

A alma é vista pelos olhos?
já que a alma não posso ler
será a alma livre?
e liberdade eu vejo nos passarinhos
que apenas vivem e voam
e sabem que podem voar
e a alma, será que sabe?

Veja as fotos. Lembrei do Pavaroti!

Cantante,

Layne

Rio Doce, 12 de Fevereiro de 1983

Pavaroti! Boa lembrança, como ele cantava bem. Me faz rir. Ele deve estar mais livre agora, como no seu poema. Quando vivo ele era engaiolado, não sabia que podia voar. Fiz umas filmagens do Pavaroti. Sempre gostei muito de pássaros.

Gostei do seu trabalho, queria ver mais. Esta técnica de sobrepor foi bastante usada, mesmo na época de filmes. Fazíamos modificações nos negativos, Cliché Vêrre, pintávamos sobre a película. Se fazia muitas "montagens", não como agora, mas era bastante interessante.

Montagens me lembram sobre a credibilidade da fotografia, é realmente instigante a autenticidade de todas elas, podemos modificar com facilidade. Muitos poucos podem afirmar que uma imagem foi manipulada. Existe um mito acerca da fotografia ser imagem do real. Barthes assinalou uma vez que "o rastro indiciat gravado na foto possibilita, certamente, a objetiva constatação da existência do assunto: 'o isto aconteceu', uma vez que a foto leva sempre seu referente consigo". Bayard Hippolyte simulou a própria morte em uma fotomontagem, isso 4 anos depois de Daguerre ter anunciado a "invenção da fotografia". Isso ocorre muito no jornalismo, sabia? Muitos políticos mandaram colocar e retirar elementos em uma cena fotografada para que possa se reforçar alguma notícia. Um exemplo que me lembro com risadas, foi o de Stalin, que mandou tirar um de seus comissários de uma foto depois de um desentendimento com o tal. Que Piada!

Abraços,

Wallace

Belo Horizonte, 25 de Março de 2012

Não estava me lembrando dos Slides!!! Ela me entregou e quando cheguei em casa não acreditei no que vi. Fiquei um tempo digerindo a beleza daquilo.

Cada Slide era como um déjà vu. Quando peguei as fotos que tinha, achei fantástica essa transmissão de sentimentos que se pode possuir. A ideia de um sentimento-lugar-foto que se cria a partir de dois tempos diferentes. Me senti feliz e ao mesmo tempo enganada, já que a “influência” pode ser simplesmente coincidência. De qualquer forma, a sua influência acontece em mim.

Engraçado, esta conversa de manipulação das fotografias, principalmente a de políticos, me fez lembrar de 1984, de George Orwell. Não sei se leu, mas na sociedade em que se passa o romance, os ministérios (políticos/ditadores) alteram a todo momento as notícias a fim de manter as aparências de um governo perfeito, desenvolvido e coerente. É um palimpsesto de histórias, onde se escreve e reescreve sempre em cima do mesmo ponto, com intuito de manter a ordem e o controle de determinado evento/assunto.

Estou mantendo um diálogo com Kossoy, ele tem sido de extrema importância. Onde o conheceu? Já sabia de tantas ideias e imaginários fotográficos?

Bons dias,

Layne

Belo Horizonte, 10 de Abril de 2000

Gosto muito de receber notícias boas, fico feliz que eu esteja te ajudando. Não se sinta enganada, influência existe. Fotos iguais existem. Mas é como já falamos, se serão importantes ou não é você quem escolhe. Importante para você, importante para fotografia ou ambos. Seu discurso é que o decidirá.

Vi uma conferência de Kossoy em 1993. Li algumas coisas dele depois. Como lido com documentos fotográficos, essa questão da fotografia representando e ilustrando a História, suas perdas e sua falta para o futuro, sempre me pareceu bastante pertinente suas ideias. Quando ele diz que “quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber, mergulhando no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação no contexto em que foi produzido” e “Fotografia é memória e com ela se confunde”, penso no meu trabalho como “fotógrafo de realidades”, onde daqui um tempo lembraremos dos fatos por fotos. E serão verdadeiras ou manipuladas? Lembraremos do fato real da história ou seremos manipulados a pensar que sim?

Você tem produzido alguma coisa?
Suas “overlappings” são bem interessantes!

Wallace

Belo Horizonte, 22 de Abril de 2012

Tenho feito alguns trabalhos sim. Tenho sido outros através de mim mesma. Aliás, já ouviu falar do Fontcuberta? Tenho me interessado cada vez mais por ele. Acho que tem muito das questões abordadas por Kossoy nele. Do ponto de questionar credibilidade, valores, história e fotografia.

As vezes acho que meu processo tem sido lento, mas é indiscutível que cada um tenha seu tempo. Sempre gostei de escrever. Acho que meu tempo como artista se tornou mais parecido com o tempo dos escritores e poetas em que a escrita, mesmo praticada constantemente, é cansativa e muitas vezes dolorosa, e precisa ser. Fico muito aliviada em dizer que leio uma imagem e que não simplesmente a vejo, e a deixo passar com suas possibilidades de leitura e compreensão. Disse isso a Rilke, um poeta, que me respondeu com confortantes palavras.

Estas fotos são do meu trabalho “Overlapping Landscapes” que foi realizado para o Corpo Coletivo, um projeto que envolve mais 4 países. Acontece todo semestre na Faculdade. Com a colaboração de mais 4 pessoas, todas de países diferentes, como no verso de cada foto. Propus a montagem de paisagens sentimentais, de visões diferentes, como havia mencionado em alguma carta. Paisagens-Sentimentos-Lugares.

Já teve vontade de fazer alguma exposição?

Saudades,

Layne

Belo Horizonte, 22 de Abril de 2000

Não conheço Fontcuberta, se você diz que as ideias dele são pertinentes, então devo pesquisar sobre ele.

O seu processo, como você diz, para mim é nada mais que o tempo de prática e estudo. Com o tempo adquiri mais experiência e me tornei mais adaptado ao meio jornalístico.

Vi as fotos que me mandou, você realmente tem mostrado uma evolução interessante desde que começamos. Fico feliz! Seu interesse é bem sincero e você bem esperta. Espero que realize suas vontades, mas vá com cautela, qualquer campo tem suas dificuldades e armadilhas.

Olhe estas fotos que lhe enviei. Comecei a pensar em algo, mas tenho preguiça de tantas coisas a se pensar: galeria, apoiadores, escrever projeto... É muita burocracia!

Não seja como eu, realize exposições!

Forte abraço,

Wallace

Belo Horizonte, 13 de Maio de 2012

MARAVILHOSO! Só isso que tenho a dizer das fotografias. Precisamos mostrar isso ao mundo. Toda esta poesia imagética. Sinceridade de pensamento. Me surpreendo mais a cada carta que me manda com o seu trabalho, sei que há muito mais coisas por vir.

Vou organizar uma exposição para este trabalho. Precisamos fazer algo juntos, não acha?

Fiz os cortes que você projetou, embora ache que as que mandou também deveriam fazer parte da exposição. Registro do processo. Pensou em algum nome? Vi a reflexão que escreveu atrás de uma delas. Pensei em usar algo simples, como “caminhos”, “estradas”, até mesmo “ao longo”, mas não sei, sou péssima com nomes. “Uma exposição sua, que você não fez. Uma exposição minha, que eu não fiz”. Quem é o dono?

Feliz!

Layne

Belo Horizonte, 22 de julho de 2012

Não me detive em revirar todos os meus pertences até encontrar minha primeira câmera. Uma Samsung “Fino 21C”, cor azul. Lembra-se dela? Mandeí a foto junto com a primeira carta. Procurei também as fotos que fiz com ela, encontrei algumas. Na época meu interesse era registrar, clicar, as crianças que me cercavam, eu era uma criança. Eu também gostava de ser fotografada, achava fantástico ter fotos. Mas o que queria lembrar mesmo, foi que depois que ganhei a câmera, comprei o filme e fui direto pra sua casa. Você me ajudou a colocar meu 1º filme, na minha 1ª câmera aos 12 anos de idade.

Eu ficava impressionada com suas câmeras, fotos, com aqueles pacotes de papel fotográfico e filmes guardados na geladeira, que nem podia mexer, mas eu “bisbi-lhotava”. Depois que parou, fiquei sem referência, passei a registrar as festas de família, as viagens e o que eu queria, como todo ingênuo que é dominado pela câmera.

Quando entrei na faculdade de Artes e tive meu primeiro contato com a fotografia, eu estava, então, condenada, apontada para meu futuro. A fotografia tomou toda a atenção que eu poderia ter na pintura, no desenho, na gravura. Impressionante como em menos de um ano eu a queria. Ela já me possuía, mas eu a queria. Pensando um pouco como Barthes.

Eu tive crises de existência como artista, pensei em mudar de curso por não ser compreendida. Foi então que recebi o seu acervo e muita coisa mudou. Me firmei como fotógrafa. Minhas buscas e questionamentos tomaram o lugar do medo de ser, de não existir.

Foi uma grande pena sua partida tão antes de Eu ser Eu agora. Mas às vezes foi algo necessário, para que eu pudesse te encontrar (mas quem é que sabe?).

Até um dia,

Layne

Diálogos:

Carta Rio Doce, 12 de Fevereiro de 1983: Citação de Barthes:
BARTHES apud KOSSOY, BORIS, 1999, p.134.

Carta Belo Horizonte, 10 de Abril de 2000: Citação de Kossoy:
KOSSOY, BORIS, 1999, p.132.

Outros Diálogos:

Notas

Carta Itália, 23 de Maio de 1920: Texto extraído do livro:
RILKE, Rainer Maria, Cartas a um Jovem Poeta, p. 35,36,37.

Cartas Robion, 6 de Julho de 1985 e Robion, 8 de Setembro de
1985: Texto extraído do livro: FLUSSER, Vilém, A filosofia da
caixa preta, p. 38,39,40,43,48,49,60,65,73,83.

Cartas São Paulo, 24 Março de 1995 e São Paulo, 28 Abril de
1995:
Texto extraído do livro: KOSSOY, Boris, Realidades e Ficções
na Trama Fotográfica, 1999, p.132.

Referências
Bibliográficas

- BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. 2.ed.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- DUBOIS, Phillipe. O Ato Fotográfico e outros ensaios. Campinas:
Papyrus, 1994.
- KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. 3.ed.
São Paulo: Ateliê, 2002.
- RILKE, Rainer Maria, Cartas a um Jovem Poeta, Porto Alegre:
L&PM, 2006.
- SOTANG, Susan, Sobre Fotografia, São Paulo: Companhia das
Letras, 2004.
- VAN GOGH, Vincent, Cartas a Théo, Porto Alegre: L&PM, 2002.
- FLUSSER, Vilém, A filosofia da caixa preta, São Paulo: Hucitec,
1985.

Diálogo

Conteúdo
das Cartas

Ordem
Cronológica

Belo Horizonte, 9 de setembro de 2011

Oi avô, tudo bem?

Sei que é bem estranho receber uma carta minha, mas gostaria muito de poder falar com você.

Descobri que sou da fotografia, porém espero que ela seja mais minha do que eu dela.

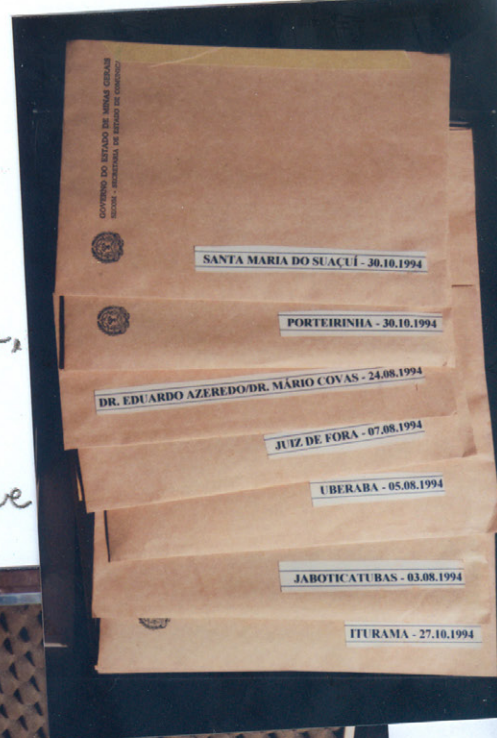
A vó me mostrou suas coisas, nossa, está tudo e parece que tem muito mofo. Ela não mente em se eu soubesse antes, não deixaria acontecer. Achei maravilhosas as câmeras. Gostaria de usar seu laboratório também.

Vou a Ouro Preto fotografar, posso enviar algumas para que veja. Quero opiniões!

Estou mandando algumas fotos das câmeras e não sei por onde começar, limpei a poeira. O que fazer? Recomendações? Tem umas fotos que talvez também.

Entusiasmo,

Layne





15 de Setembro de 1973

Realmente não esperava
a chamada sua, uma carta
que ótimo que a mandou!
Brinca de se que sua avó deixou
o guardado sem verificar?
não classen as fotos, diria



os filtros limpos e
limpa na mala
der para de var e
rofo da mala, melhor
terão que ir para a
resto, grande na
eta, limpa.



Prato é um lugar
co de se fotografia for.
fotos em Congonhas,
elha da. Pode te

Se que tenho alguns slides
grandes aí, são de paisagens,
acho que ficarei contente quando
encontrá-los, saberá o porquê.

Escreva sempre que quiser.

Muitos cliques!



Belo Horizonte, 7 de Outubro

Estou pensativa. Fui a Ouro Preto
grafar, mas vi tanta gente fazer
não estou imitando os outros tão
mesmo! Milhares de mesmas fotos.
Uma das minhas professoras me incentivou
ajudar. Escrevi para ele. Espero a



Fotografei tudo em PB. O dia estava muito frio e nublado
dentro da nuvem. Gosto dos lugares mais vazios,
pouca ou nenhuma referência humana. Cria uma
magia na foto ou até mesmo um estranhamento
faz lembrar do Atget.

Fiz algumas desfocadas, como estudo, mas gostei
delas. Eram de umas pessoas subindo a rua, não as
fotografei, expô-las. "a fotografia é uma exposição".
Talvez eu não quisesse tirar a alma da moça
passava. Engraçado.

Ela passou, ficou sem registro. A "grude" sem ideia
no filme, no caso, em números, compondo a foto original.

Espero estar começando bem!

Layne



Leongonhas,

18 de Outubro de 1973

Tempo nublado; um problema para as câmeras, não? Espero que tenha se prevenido. Perder equipamento é sempre por falta de cuidado.

Sobre sua dúvida de imitar conteúdos, é comum. A prática

meu olhar. Mas sou

18 Tenho facilidade de
ver a câmera, porém
ho não me exige que
seja "artista".

Estudante de arte,
nesta sede de
min a técnica e
em favor, expressar-
eis de muitas outras
formas.



As fotografias em preto-e-branco são fascinantes. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco porque tais fotografias mostram a verdadeira significação dos símbolos fotográficos. Para mim, elas são mais verdadeiras do que as coloridas, pois todo o conceito de cor é relativo.

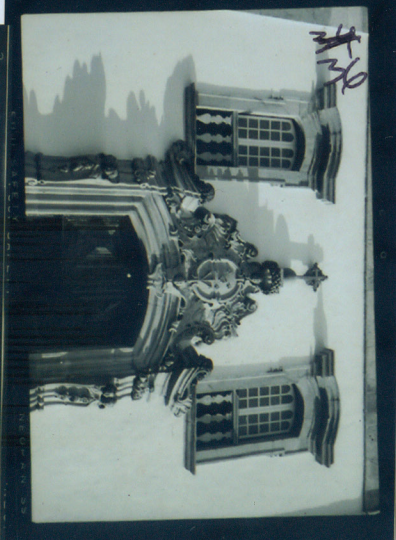
Talvez a pessoa indicada pela sua preferência ajude.

Me mande um retorno sobre suas conclusões.

A questão do foco é relativa, depende da sua experiência. Umis a foto, ele te apresenta ela funciona. Fugiu do comum e morreu. Olha estas que os rezes te inspira... com a chuva!

Wallace





Belo Horizonte, 10 de Novembro de 2011

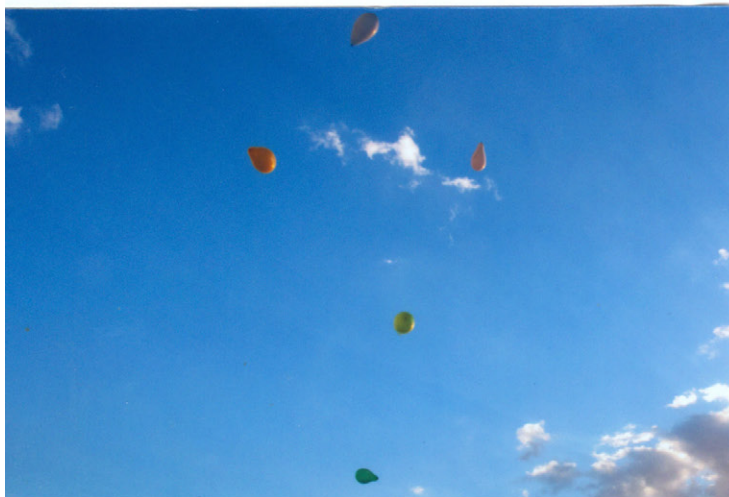
Suas fotos me inspiram. Toda essa altivez que essas estátuas possuem. Consequiu dar um mistério, uma expressão. Algumas se tornaram tão poderosas. Senti ali uma presença humana nelas.

Sobre as fotos sem foco, eu penso que de certa forma eu venci a câmera, não fiz o automatismo dela em querer focar. Fiz o que eu quis. Tive um pouco mais de curiosidade sobre isso. Mostrei para um amigo, que não é da área de arte ou fotografia, e ele me respondeu "é, tá sem foco, mas você fez de propósito, né?". Por que será que as pessoas pensam somente no fato de ter ou não ter foco? A resposta para mim é simples, estão muito enraizadas em um referencial. E para mim, o foco é referencial, assim como o tempo. O "desfocado" me transmite algo muito especial, funciona como uma metáfora, e por mais clichê que seja, é um sentimento distorcido, uma ideia embaçada. Eu, como Ser, perco o foco, me sinto perdida, me sinto difusa, desapareço, perco a existência por algum tempo.

Hoje é só isso. Acho que estou desfocada. Estas fotos expressam um vazio cheio. Ocupada da mesma matéria que o rodeia, por isso, ainda sim, um vazio.

Bom trabalho,

Layne



Belo Horizonte, 13 de Dezembro de 2011

Gosto de captar a fluidez da luz. Sabe quando ela passa entre as folhas e se vê os raios? É como a água que passa entre os dedos. Me faz lembrar um texto do García Márquez "A luz é como água". Gosto da metáfora. Se puder, leia.

As vezes acho que fotografo pouco. Escrevo alguns ensaios, mas me falta executar práticas fotográficas e expor mais a minha produção.

Enquanto esperava meu ônibus na praça, observei que a lança da estátua se misturava meio às antenas do edifício Itatiaia. Ao mesmo tempo me perguntei: quantas pessoas já viram isto? Quantas fotografaram?

Rosângela Renno, uma fotógrafa a qual gosto do trabalho e das ideias, acredita que já existem muitas fotos no mundo. Se apropria de acervos existentes. Ela diz não pertencer ao campo da fotografia digital, que segundo ela "já parece nascer sem memória". Não sei se concordo com ela totalmente. A fotografia já possui a realidade exterior e interior contidas em si. Podendo ser de filme ou digital. As pessoas parecem ter muito medo da foto digital, acham que ela pode roubar o lugar da fotografia no mundo dos fotógrafos. E onde Tereza e Layr... Mas temos que pensar que rouba e se é impositivo. Você tem medo de se

Bujo!

Layr



Longonhas
3 de janeiro de 1978

Este trabalho me causa. Gosto de filmar vocês em casa. Filmadora é algo realmente bacana. A tecnologia me encanta.

A fotografia tem um campo muito explorável. Muitos mistérios. Você ainda está no começo de sua busca, do seu caminho, das suas respostas. Cada coisa virá em seu tempo. Seu olhar será mais apurado do que é hoje, mas será proporcional à sua prática e ao seu interesse.

Meu trabalho de jornalista, não que não possa ter sua parte artística, mas tenho outros interesses ao fazê-las. A documentação que Robert Capa fez das guerras é uma obra-prima. Mas

minhas fotos, como dizia, tem
que ilustrar o fato, o momento,
para aparecer nas notícias.

Uma foto pode mudar a
história. Escolhi a fotografia
como forma de sustento,
preciso que ela se adeque ao
pedido dos superiores.

É provável
pois minhas
do governo
visitar, não
Mas isso não
tem muitas
ainda não.
pois o digital
sibilidade de
Por isso, se o
do que ter um
zer fotos. M
utilizam da
qualidade para

isso é fácil. Ansel Adams
utilizava-se disso, mas ele
não fez apenas uma foto
bonita. São dias, meses de
estudo para uma foto ex-
tremamente bem realizada.
Enquadramento, técnica e
observação. E não só isso,
tem a consciência por trás
de tudo, um assunto. Uma
vontade de valorizar e de
questionar paisagens e seu
futuro.

Wallace

Kossov

SÃO PAULO - SP

CEP: 36873-451

Belo Horizonte, 19 de Janeiro de 201

Lembra que mandei uma carta para um
ge de uma professora? Esqueci de te falar, n
recebi uma carta dele no mês passado. O nome dele é
Flusser. Ele realmente me fez pensar em questões contemp
da fotografia.

Minha busca apenas começou, realmente. Preciso me m
ter conectada à prática fotográfica.

Sobre a última foto que me mandou, acho que a fo
grafia não deveria ter tanta credibilidade. Podemos mar
pular a imagem fotográfica com tanta facilidade. Coloco
a realidade em jogo, constantemente.

A parte disso, a vó me contou que fotografava muito
casamentos. Creio que era uma experiência muito diferente
que usava filme 35mm. Tem que acertar cada "click".
Se aventurava em fazer fotos diferentes mesmo
der um filme? Ela também sabe algumas técnicas
ensinou. Achei divertido!

Ela me mostrou umas fotos em que eu apareço
de henra. Acho que é a única de casamento
E tem também as do ensaio. Até que eu este
como modelo!

É desafiador escolher o eixo a se seguir e
grafia, Ganhar muito dinheiro? Ser reconhecido
gente gente que não valoriza, nem sempre o
ganha mais é o melhor lugar. Seu trabalho vai
mediocre. Vou me sentir fazendo um trabalho
pergunta. E me perguntar como quero meu trabalho no
do é a primeira coisa que posso fazer. Não me vender
poucas trocadas, para não desvalorizar a fotografia, e
segunda. Uma pena que os "profissionais" não pensem a
Abraço apertado,

Hayme



Belo Horizonte,

31 de janeiro de 1980

Flusser, este nome não me é estranho. Ele escreve sobre fotografia, já li coisas dele.

Me parece que como técnico entre os questionados. O aparelho popularizou e qualquer tipo era das imagens delas e quem Ken Kisz, Capa, outros, a lei tu mente importante para eles, como imagem. Mas a passava, nem A composição, e

Tudo era: lido, metáforas, semi-ótica, ícones. Outra coisa, gostava de fotografar casamentos, tinha cuidado para não desperdiçar filme, mas também me arriscava um fazer a foto do álbum. Gosto de silhuetas, pouca profundidade de campo. Mas às vezes os clientes não estão dispostos a pagar por fotografia. Muita gente não valoriza. É duro!

Pedi à sua avó que lhe entregasse os slides que te falei. Acho que você esqueceu de procurá-los.

Como vai a sua produção?

Wallace

Belo Horizonte, 31 de Janeiro de 2012

Depois de tanta coisa que aprendi, percebi que não
delecar como fotógrafa de eventos. Infeliz-
sido meu sustento, parte dele. Quero ser
ra, pesquisadora. Sinto falta de mais áreas
tografia ao meu redor. Diferentes eixos, pessoas.
experiência exterior faça bem.

de "overlapping", de sobrepor fotos. Criar cama-
sto constantemente. Crie novas visões. Uma
2 fotos é como se existisse 2 lugares, 2 senti-
sentimentos-lugares têm que conversar, interagir

e formar uma 3ª coisa, uma 3ª paisagem. Minhas primeiras
em um grande passo. Logo me familiarizei
resultados. Estas foram com pássaros/gosto
ma e resolvi ilustrar.

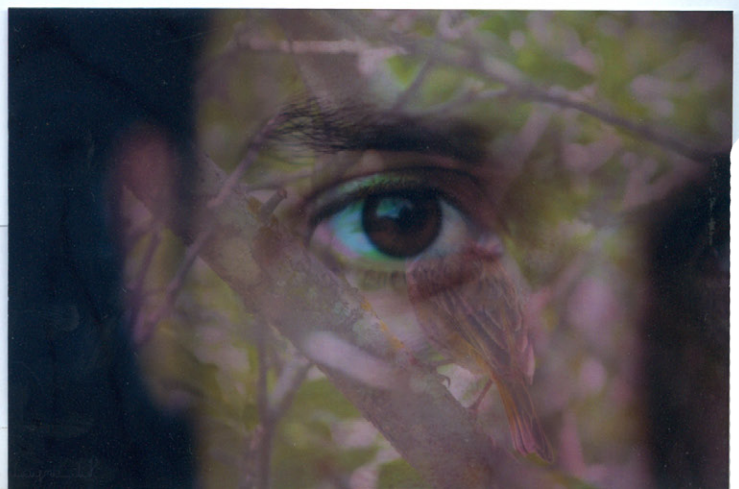
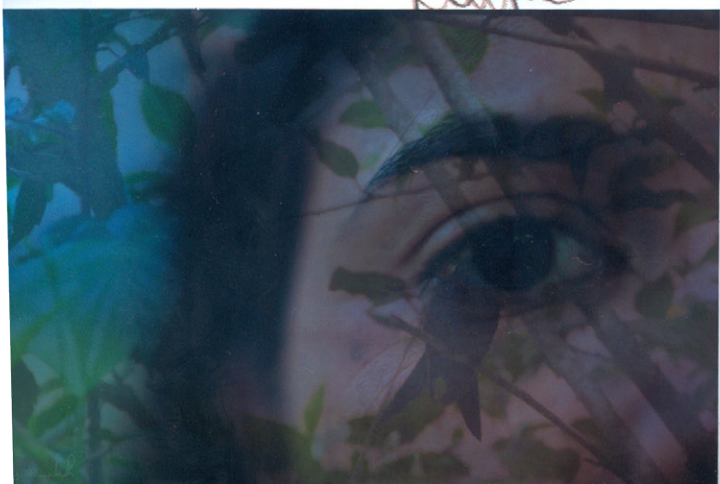
alma é vista pelas olhas?

é que a alma não posso ler
será a alma livre?

liberdade eu vejo nos passarinhos
que apenas vivem e voam
sabem que podem voar
a alma, será que sabe?

s. Lembrei do Pavarotti!

Laime



Rio Doce,
12 de Fevereiro de 1983

Pavarotti! Boa lembrança, como ele cantava bem. Me fez rir. Ele deve estar mais livre agora, como no seu poema quando viro ele era engaiado não sabia que podia roar. Fiz uma filmagem do Pavarotti. Sempre gostei muito de pássaros. Gostei do seu trabalho, queria ver mais. Esta técnica de sobrepor foi bastante usada mesmo na época de filmes. Fazíamos muitas difíceis nos negativos, Cliché Vêve, pintávamos sobre a película. Se fazia muitas "montagens", não como agora, mas era bastante interessante.



Montagens me lembram sobre a credibilidade da fotografia, é realmente instigante a autenticidade de tudo das elas, podemos modificar com facilidade. Muitos poucos podem afirmar que uma imagem foi manipulada. Existe um mito acerca da fotografia ser imagem do real. Barthes assimilated uma vez que "o rastro indiciário gravado na foto possibilita, certamente, a objetiva constatação da existência do assunto: o que isto acontece com, uma vez que a foto leva sempre seu referente consigo". Bayard Hippolyte simulou a própria morte em uma montagem, isso 4 anos antes de Da guerra ter anunciado a "invenção da fotografia". Isso ocorre muito no jornalismo, sabia? Muitos políticos mandaram colocar e retirar

elementos em uma cena fotografada para que possa se reforçar alguma notícia. Um exemplo que me lembro com risadas, foi o de Stalin, que mandou retirar um de seus comissários de uma foto depois de um desentendimento com o tal. Que piada!

Abrço

Wallace

Belo Horizonte, 25 de Março de 2012

Não estava me lembrando das Slides!!! Ela me entregou e quando cheguei em casa não acreditei no que vi. Fiquei um tempo digerindo a beleza daquilo.

Cada slide era como um déjà vu. Quando peguei as fotos que tinha, achei fantástica essa transmissão de sentimentos que se pode possuir. A ideia de um sentimento-luap-foto que se cria a partir de dois tempos diferentes. Me senti feliz e ao mesmo tempo enganada, já que a "influência" pode ser simplesmente coincidência. De qualquer forma, a sua influência acontece em mim.

Engraçado, esta conversa de manipulação das fotografias, principalmente as de políticos, me fez lembrar de 1984, de George Orwell. Não sei se leu, mas na sociedade em que se passa o romance, os ministérios (políticos/ditadores) alteram a todo momento as notícias, a fim de mostrar um governo perfeito, desenvolvido e com sucesso de histórias, onde se escrevem em cima do mesmo ponto, com intenção e o controle de determinado evento.

Estou mantendo um diálogo com você de extrema importância. Onde o seu pensamento e tantas ideias e imaginários foram

Bons dias,

Luayne



Belo Horizonte.
10 de Abril de 2000

Gosto muito de receber notícias boas, fico feliz que eu esteja te ajudando. Não se sinta enganada, influência existe. Fotos iguais existem. Mas é como já falamos, se serão importantes

Você quem escolhe você, importante, ou não. Sem dúvida.

Vim em conferência em 1993. Li algo depois. Como li fotos fotográficas, fotografia reproduzindo a realidade e sua falta sempre me perturbam suas

diz que quando apreciamos determinado fotografias nos vemos quase sem perceber, mergulhamos no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação no contexto em que foi produzido. A fotografia é memória e com ela se confunde, penso no meu trabalho com "fotografia de realidades", onde daqui um tempo lembraremos dos fatos por fotos. E serão verdadeiras ou manipuladas?

Lembraremos do fato real da história ou seremos manipulados a pensar que sim?

Você tem produzido alguma coisa? Suas "overlappings" são bem interessantes!

Wallace

Belo Horizonte, 22 de Abril de 2012

Tenho feito alguns trabalhos sim. Tenho sido outras através de mim mesma. Aliás, já ouviu falar do Fontcuberta? Tenho me interessado cada vez mais por ele. Acho que tem muitas das questões abordadas por Kossoy nele. Do ponto de questionar credibilidade, valores, história e fotografia.

As vezes acho que meu processo tem sido lento, mas é indiscutível que cada um tenha seu tempo. Sempre gostei muito de escrever. Acho que meu tempo como artista se tornou mais parecido com o tempo dos escritores e poetas em que a escrita, mesmo praticada constantemente, é cansativa e muitas vezes dolorosa, e precisa ser. Fico muito aliviada em dizer que leio uma imagem e que não simplesmente a vejo, e a deixo passar com suas possibilidades de leitura e compreensão. Disse isso a Rilke, um poeta, que me respondeu com confortantes palavras.

Estas fotos são do meu trabalho "Overlapping Landscapes" que foi realizado parafotivo, um projeto que envolveu mais 4 outros colegas de todo semestre na faculdade. Com mais 4 pessoas, todas de países diferentes, verso de cada foto. Propus a mentais sentimentais, de visões diferentes, com cada uma em alguma carta. Paisagens-Ser

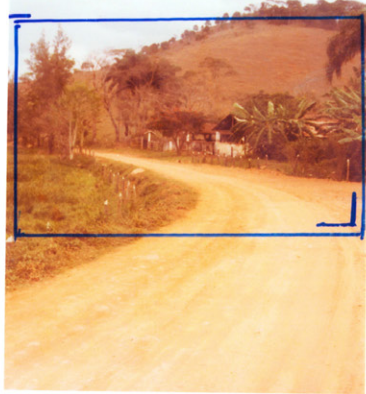


Já teve vontade de fazer alguma exposição?

Saudades,

Layne.





Belo Horizonte,
22 de Abril de 2000
Não conheço Fentabenta, se você
que as ideias dele são pertinentes,
você deve pesquisar sobre ele.
Seu processo, como você diz, para
mim é nada mais que o tempo
prática e estudo. Com o tempo
quero mais experiência e me
tornar mais adaptado ao meio
malístico.



Vi as fotos que me mandou,
é realmente tem mostrado uma
lucção interessante desde que
reçamos. Fico feliz! Seu inte-
resse é bem sincero e você bem
perita. Espero que realize suas
intendes, mas vá com cautela,
alquer campos tem suas
ficaldades e armadilhas.
Vlhe essas fotos que lhe

algo, mas tenho preguica de tan-
tas coisas a se pensar: galeria
apoiadores, escrever projeto...
É muita burocracia!

Não seja como eu, realize
exposições!

Fortaleza, 2000

Wallace



2



As vezes as estradas
da vida, são tortuosas
e porcinha, mas
sempre vale a pena
percorrer.

Belo Horizonte, 13 de maio de 2012

Maravilhoso!! Só isso que tenho a dizer das fotografias. Precisamos mostrar isso ao mundo! Toda esta poesia imagética. Sinceridade de pensamento. Me surpreendo mais a cada carta que me manda com o seu trabalho. Sei que há muito mais coisas por vir.

Vou organizar uma exposição para este trabalho. Precisamos fazer algo juntos, não acha?

Fiz os cortes que você projetou, embora ache que as que me mandou também deveriam fazer parte da exposição. Registro do processo. Pensou em algum nome? Vi a reflexão que escreveu atrás de uma delas. Pensei em usar algo simples, como "caminhos", "estradas", até mesmo "ao longo", mas não sei, sou péssima com nomes...

"Uma exposição sua, que você não fez. Uma exposição minha, que eu não fiz".

Quem é o dono?

Feliz!

hayne

Belo Horizonte, 22 de julho de 2012

Não me detive em revirar todos os meus pertences até encontrar minha primeira câmera. Uma Samsung "Fino 21c", cor azul. Lembra-se dela? Mandeí a foto junto com a primeira carta. Procurei também as primeiras fotos que fiz com ela, encontrei algumas. Na época meu interesse era registrar, "clique", as crianças que me cercavam, eu era uma criança. Eu também gostava de ser fotografada, achava fantástico ter fotos. Mas o que queria lembrar mesmo, foi que depois que ganhei a câmera, comprei um filme e fui direto pra sua casa. Você me ajudou a colocar meu 1º filme, na minha 1ª câmera aos 12 anos de idade.

Eu ficava impressionada com suas câmeras, fotos, com aqueles envelopes de papel fotográfico e filmes guardados na "especial" gaveta da geladeira, que não podia mexer, mas eu "bisbilhotava". Depois que parou, fiquei sem referência, passei a registrar as festas de família, as viagens e o que eu queria: como todo ingênuo que é dominado pela câmera.

Quando entrei na faculdade de Artes e tive meu primeiro contato com a fotografia, eu estava, então, condenada, apontada para meu futuro. A fotografia tomou toda a atenção que eu poderia ter na pintura, no desenho, na gravura. Impressionante como em menos de um ano eu a queria. Ela já me possuía, mas eu a queria. Pensando como Barthes, um pouco.

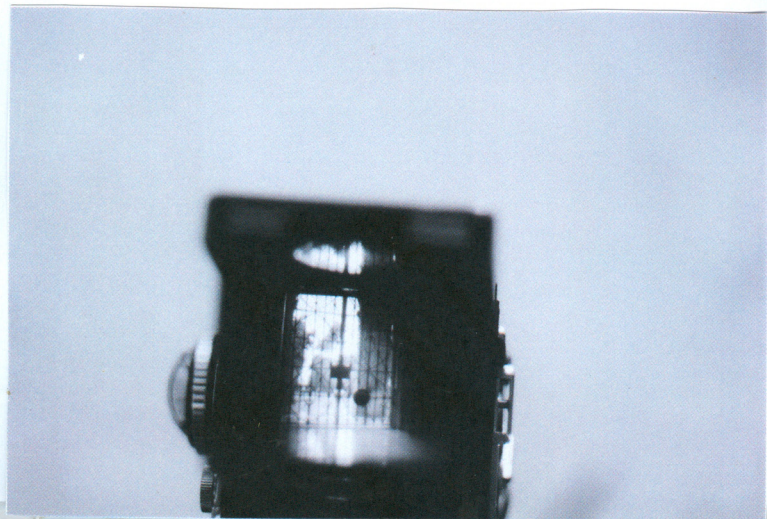
Eu tive crises de existência como artista, pensei em mudar de curso por não ser compreendida, principalmente. Foi então que recebi o seu acervo e muita coisa mudou. Me firmei como fotógrafa. Minhas buscas

e questionamentos tomaram o lugar do medo de
ser, de não existir.

Foi uma grande pena sua partida tão
antes de Eu ser Eu agora. Mas as vezes, foi
algo necessário, para que eu pudesse te en-
contrar (mas quem é que sabe?).

Akí um dia,

hayre



Outros
Diálogos

Conteúdo
das Cartas

Ordem da
Monografia

Diálogo com Flusser

Belo Horizonte, 13 de Junho de 2011

Sr. Flusser,

Como já sabe meu nome pelo envelope, permita que eu me apresente mais. Sou estudante de Artes Visuais e Fotografia, como gosto de acrescentar. Uma professora pediu para que lhe escrevesse, pois tenho alguns questionamentos sobre o universo fotográfico.

Primeiramente, gostaria de compreender o universo fotográfico para o qual estamos caminhando. Se todo o mundo é explorado intensamente por vários outros fotógrafos (mesmo os amadores), como não repetir conteúdos, imitar pensamentos? Quando tenho a minha visão de determinado assunto, levando para o lado do pensamento individual, é um trabalho puro, mas sempre haverá aqueles que vão dizer que uma foto desfocada é apenas um erro fotográfico.

Me encontro perdida, entre caminhos perigosos para uma futura fotógrafa.

Grata desde já,

Layne Juh

Robion, 6 de Julho de 1985

Prezada Srta Layne, é muita gentileza que sua professora tenha me indicado a fazer parte desta sua busca. Primeiramente gostaria de esclarecer alguns fatos. Depois gostaria que pensasse sobre o que vou escrever.

Creio que o fotógrafo procura estabelecer situações jamais existentes antes. Quando caça na taiga, não significa que esteja procurando por novas situações lá fora na taiga: mas sua busca são pretextos para novas situações no interior do aparelho. Situações que estão programadas sem terem ainda sido realizadas. Pouco vale a pergunta metafísica: as situações, antes de serem fotografadas, se encontram lá fora, no mundo, ou cá dentro, no aparelho? - Pense um pouco sobre isso.

Toda situação está cercada de numerosos pontos de vista equivalentes. E que todos estes pontos de vista são acessíveis. Com efeito o fotógrafo hesita, porque está descobrindo que seu gesto de caçar é movimento de escolha entre pontos de vista equivalentes, e o que vale não é determinado ponto de vista, mas um número máximo de pontos de vista. Escolha quantitativa, não-qualitativa.

Do gesto de fotografar: é gesto caçador no qual aparelho e fotógrafo se confundem, para formar unidade funcional inseparável. O propósito desse gesto unificado é produzir fotografias, isto é, superfícies nas quais se realizam simbolicamente cenas. Estas significam conceitos programados na memória do fotógrafo e do aparelho.

Mesmo um observador ingênuo admitiria que as cenas se imprimiram a partir de um determinado ponto de vista. Mas o argumento não lhe convém. O fato relevante para ele é que as fotografias abrem ao observador visões do mundo. Toda filosofia da fotografia não passa, para ele, de ginástica mental para alienados. No entanto, se o observador ingênuo percorrer o universo fotográfico que o cerca, não poderá deixar de ficar perturbado. Era de se esperar: o universo fotográfico representa o mundo lá fora através deste universo, o mundo.

Reflita, se achar pertinente.
Atenciosamente,

Vilém Flusser

Belo Horizonte, 4 de Agosto de 2011

Este seu primeiro ponto foi muito proveitoso, me questionei acerca de todo o pensamento que tinha até o presente momento sobre minha busca fotográfica, sei que é só o começo, a ponta do iceberg.

Com tanta acessibilidade, a câmera facilitando a entrada de milhares de imagens na nossa cultura imagética, penso que as pessoas que dizem fazer fotografia estão apenas fazendo "um clique". Já está tudo lá, tão automático. Me perguntava, como não ser mais um deles? No entanto percebo que um ingênuo não tem tantos questionamentos ou não se deixa questionar, eles estão escravizados pelo ato do clique.

Tento desvincular minha prática das funções da câmera, o que ela diz errado, muitas vezes é como eu vejo. Sinto que crio uma magia em cada foto que faço porque dou a ela algo que sinto, dou a ela meu pensamento-olhar.

Penso que a partir de agora tomarei o caminho mais apropriado para minhas práticas fotográficas.

Agradeço novamente,

Layne Juh

Robion, 8 de Setembro de 1985

Você disse que tenta desvincular sua prática das funções da câmera. [...] Chame-a de "a vitória do homem sobre o aparelho". É sempre bom ouvir estas palavras!

Como exemplo, quem escreve precisa dominar as regras da gramática e ortografia. Fotógrafo amador apenas obedece a *modos de usar*, cada vez mais simples, inscritos ao lado externo do aparelho. Democracia é isto. De maneira que quem fotografa como amador não pode decifrar fotografias. Sua práxis o impede de fazê-lo, pois o fotógrafo amador crê ser o fotografar gesto automático graças ao qual o mundo vai aparecendo. Impõe-se conclusão paradoxal: quanto mais houver gente fotografando, tanto mais difícil se tornará o deciframento de fotografias, já que todos acreditam saber fazê-las.

Sobre decifrar fotografias, é descobrir o que os conceitos significam. Isto é complicado, porque na fotografia se amalgamam duas intenções codificadoras: a do fotógrafo, que visa eternizar-se nos outros por intermédio da fotografia e a do aparelho, que visa programar a sociedade através das fotografias para um comportamento que lhe permita aperfeiçoar-se. Em inúmeros casos a intenção do aparelho prevalecerá sobre a intenção do fotógrafo.

Mas ainda não é tudo. As fotografias que sobre nós se derramam são recebidas como se fossem trapos desprezíveis. Podemos recortá-las de jornais, rasgá-las, jogá-las. Nossa práxis com a maré fotográfica que nos inunda faz crer que podemos fazer delas e com elas o que bem entendermos. Na realidade, são elas que manipulam o receptor para comportamento ritual, em proveito dos aparelhos. Reprimem a sua consciência histórica e desviam a sua faculdade crítica para que a estupidez absurda do funcionamento não seja conscientizada. Assim, as fotografias vão formando círculo mágico em torno da sociedade, o universo das fotografias. Contemplar tal universo visando quebrar o círculo seria emancipar a sociedade do absurdo.

Muito bom receber sua carta-resposta, penso que deveria ler meu livro, *Filosofia da Caixa Preta*. Acho que seria mais rápida sua absorção. Poderá me escrever para dizer como deglutiui toda a informação, se quiser.

Felicidades,

Vilém Flusser

Diálogo com Rilke

Belo Horizonte, 23 de Abril de 2012

Resolvi te escrever após ler sobre você e ler algumas de suas reflexões. Me atrevi a ser artista, a estudar Arte, a tentar compreender.

Gosto muito de literatura, o que me fez, cada vez mais, gostar de escrever. As vezes acho que meu processo tem sido lento, mas cada um tem seu tempo. Acho que meu tempo como artista se compara mais ao tempo dos escritores e poetas em que a escrita, mesmo praticada é cansativa e dolorosa, e como rendem mais angústia em momentos de crise.

Minha produção as vezes não me satisfaz. Penso que está ruim, mas o que é ruim? E para quem?

Me pego lendo textos críticos, e as vezes me parecem tão vazios. E quando o digo, as pessoas não me compreendem. Uma obra tem que fazer sentido pra quem? Para os críticos? Não sei se gosto de semiótica. É como tentar dar um significado, uma justificativa a qualquer custo para a obra. Mas a obra tem justificativa? Ela precisa ser explicada?

Como ser eficiente? Existe eficiência na arte, não creio.

Agradeço sua atenção desde já.

Layne

Itália, 23 de Maio de 1920

Fiquei muito alegre, cara e prezada, com sua carta. Primeiramente, que fique registado aqui, desde logo, um pedido meu: leia o mínimo possível textos críticos e estéticos - ou são considerações parciais, petrificadas, que se tornaram destituídas de sentido em sua rigidez sem vida, ou são hábeis jogos de palavras, nos quais hoje uma visão sai vitoriosa, amanhã predomina a visão contrária. Obras de arte são de uma solidão infinita, e nada pode passar tão longe de alcança-las quanto a crítica. Apenas o amor pode compreendê-las, conservá-las e ser justo em relação a elas. Dê razão sempre a si mesmo e a seu sentimento, diante de qualquer discussão, debate e introdução; se estiver errado, o crescimento natural de sua vida íntima o levará lentamente, com o tempo, a outros conhecimentos.

Permita a suas avaliações seguir o desenvolvimento próprio, tranquilo e sem perturbação, algo que, como todo avanço, precisa vir de dentro e não pode ser forçado nem apressado por nada. Tudo está em deixar amadurecer e então dar à luz. Deixar cada impressão, cada semente de um sentimento germinar por completo dentro de si, na escuridão do indizível e do inconsciente, em um ponto inalcançável para o próprio entendimento, e esperar com profunda humildade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: só isso se chama viver artisticamente, tanto na compreensão quanto na criação.

Não há nenhuma medida de tempo nesse caso, um ano de nada vale, e mesmo dez anos não são nada. Ser artista significa: não calcular, nem contar; amadurecer como uma árvore que não apressa a sua seiva e permanece confiante durante as tempestades da primavera, sem o temor de que o verão não possa vir depois. Ele vem apesar de tudo. Mas só chega para os pacientes, para os que estão ali como se a eternidade se encontrasse diante deles, com toda a amplidão e a serenidade, sem preocupação alguma. Aprendo isso diariamente, aprendo em meio as dores às quais sou grato: a paciência é tudo!

Felicidades!

Rilke

Diálogo com Kossoy

Belo Horizonte, 9 de Março de 2012

Olá Kossoy, tudo bem com você? Sou artista. Quem me apresentou à suas ideias foi meu avô, que é fotógrafo Oficial. Um dia perguntei a ele, se tinha medo de ser esquecido pelas próprias fotografias. No sentido de perder o próprio patrimônio fotográfico e também a identidade. Essa conversa me fez pensar na natureza do documento fotográfico.

No caso dele, as fotos ficam sob custódia do Governo. Para que se possa acessar sua fotos, é preciso buscar em algum arquivo público. Se acontece algum incêndio ou roubo, tudo se perde. Tenho as fotos pessoais que ele fez, guardo com segurança. Até fiz digitalizações para que eu possa reimprimir.

Mas como dizia, a fotografia antiga muitas vezes perde seu referencial real. Podemos imaginá-lo, ou lembrar de tal referencial. Mas sem a referência, como liga-la ao "real"?

Encarecidamente,
Layne

São Paulo, 24 Março de 1995

Saudações minha cara! Fico grato ao seu avô.

O tema dos arquivos (assim como, documentação, memória etc), nunca são exatamente atraentes para a maioria das pessoas. Isto me faz lembrar um grande historiador que disse: "Há sempre grande despreço pelos arquivos, e as próprias expressões arquivar e arquivados estão sempre associadas à ideia de coisa morta, desprezível, desdenhada" (Rodrigues, José Honório, A pesquisa Histórica no Brasil, São Paulo, 1978, p.183).

Milhões de imagens foram destruídas desde o advento da fotografia, inúmeras em virtude de catástrofes e guerras, porém, a maioria, certamente, pela própria vontade do homem.

Desaparecido os referentes ficam apenas as representações. Essas ainda são mantidas pelos descendentes mais próximos, até o momento em que, mais tarde, passa a ocupar demasiado espaço nas casas dos descendentes afastados. Inúmeros estranhos e mais estranhos co-habitando álbuns danificados e velhas caixas de sapato onde se amontoam cartas saudosas, e antigas fotografias. Entre os sobreviventes da destruição física restam poses e rostos esmaecidos tomados em fundos de quintais desreferenciados. Fantasmas da memória: sem passado e sem futuro.

A fotografia conecta-se a uma realidade primeira que a gerou em algum lugar e época. Porém perdendo-se os dados sobre aquele passado, ou melhor, não existindo informações acerca do referente que a originou, o que mais resta? Uma imagem perdida, sem identificação, sem identidade... sem história.

Exercício fascinante é o de resgatar os nomes, hábitos e o dia-a-dia dos moradores. É o espetáculo da cidade, identificável pela aparência gravada na imagem fotográfica: precioso documento, que preserva a memória histórica. Trata-se, contudo, de um espetáculo misterioso em sua trama, em seus códigos, em seus símbolos, naquilo o que se esconde intra-muros, nos seus segredos não revelados. Estamos diante de realidades superpostas, a que se vê retratada na imagem, convivendo com aquelas que se imagina e que teve lugar no passado. A fotografia sempre permitirá diferentes montagens e interpretações: múltiplas realidades. Por tais razões servem as imagens e os arquivos. Para que não nos esqueçamos.

Atenciosamente,

Kossoy

Belo Horizonte, 10 de Abril de 2012

Está sendo muito interessante este diálogo. Agradeço por responder.

A fotografia é como um espelho. Ela é como o testemunho da realidade. Mas não consigo deixar de pensar que se até mesmo sua imagem no espelho é questionável e modificável, a fotografia é um campo mais suscetível às manipulações. Que podem ser na mesma imagem, quanto no texto que a ilustrar, na legenda que a acompanha. Seja na produção ou na recepção da fotografia, há sempre um processo de construções de realidades.

Atenciosamente,

Layne

São Paulo, 28 Abril de 1995

O conceito de fotografia e sua imediata associação à ideia de realidade, tornaram-se tão fortemente arraigados que, no senso comum, existe um condicionamento implícito de a fotografia se um substituto imaginário do real.

É justamente em virtude da credibilidade que se atribui ao documento fotográfico – enquanto espelho fiel dos fatos da história cotidiana – que, um dia, quem sabe, poder-se-á dar margem à criação de um passado que jamais existiu. Um passado, portanto, sem uma primeira realidade: a da vida, um tempo e um espaço concebido a partir de referentes fotográficos imaginários, bidimensionais ou eletrônicos, porém, iconograficamente possíveis. Por que não? Uma história construída a partir do documento fotográfico ficcional, porém na escala real; representações de representações. É a vingança da representação contra o referente que a originou. Realidades virtuais e memórias implantadas. Mundos de múltiplas facetas e infinitas imagens, mundos paralelos que se confundem em realidades e ficções.

Boas novas ideias!

Kossoy

Para Referências, ver
Referências Bibliográficas
no caderno da Monografia.

